

# Para socióloga, escola é responsável por evasão

ESTADO DE SÃO PAULO

1 0 1111 1994

*Felícia Madeira diz que não é por ter de trabalhar que o jovem abandona a escola*

**A**o longo dos anos 80, o Brasil construiu escolas em quantidade suficiente para tornar acessível o ensino básico a quase todas as crianças e adolescentes das cidades. Mas não resolveu o problema da evasão escolar: enormes contingentes de escolares, das famílias mais pobres, continuam saindo da escola, sem concluir os cursos. Estima-se que apenas quatro entre cada dez crianças que ingressam no ensino básico chegam ao final.

O que afasta as crianças das escolas? Essa é uma pergunta que vai estar na pauta das discussões dos candidatos a governos estaduais e à presidência da República. A resposta mais comum é a que atribui o problema à pobreza e à ignorância dos pais. Eles estariam atirando precocemente os filhos no mercado de trabalho, em busca de complemento para a baixa renda familiar, privando-os da educação.

Mas esse diagnóstico pode estar errado. A socióloga Felícia Madeira, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e co-autora do livro Educação na América Latina, acredita que o alvo deve ser outro: a própria escola. Em entrevista ao repórter Roldão Arruda, ela diz que as professoras desprezam as características culturais das famílias pobres, trabalham com um padrão de aluno que não corresponde à realidade e, no fim das contas, tornam o índice de repetência escolar um dos mais altos do planeta. Felícia é secretária-geral da Associação Brasileira de Estudos Populacionais e assessora da Fundação Seade.

**Estado — O ensino brasileiro tornou-se menos elitista?**

**Felícia Madeira —** O sistema expandiu-se e incorporou parcelas da população carente. Mas foi uma democratização de curta duração, porque uma considerável parcela das crianças saiu logo da escola.

**Estado — Isso está ligado à pobreza das famílias, que precisam do trabalho infantil?**

**Felícia —** Essa explicação é antiga e ganhou destaque na década de 80, em razão da recessão e das denúncias relacionadas ao abandono da infância. Mas ela não dá conta do problema.

**Estado — Mas existe trabalho precoce ou não?**

**Felícia —** Não dá para trabalhar sem levar em conta a realidade. Há, por exemplo, quem justifique o bai-



Felícia Madeira: "Há quem justifique o baixo aprendizado de seus alunos dizendo que eles vão à escola interessados em comer"

xo aprendizado de seus alunos dizendo que eles vão à escola interessados em comer. Qual o problema? Nada impede que eles tenham comida e bom ensino. Em relação ao trabalho, ocorre o seguinte: do ponto de vista das famílias mais pobres, o trabalho das crianças é visto como um agente socializador, que vai garantir a ela um melhor futuro profissional. O trabalho também é visto como espaço de proteção da marginalidade e da violência.

## EDUCADORES SE DIRIGEM A UM TIPO DE ALUNO IDEAL

**Estado — A realidade, no caso, é que famílias vêem o trabalho das crianças de maneira positiva?**

**Felícia —** Sim. Mas há diferenças enormes no que eles fazem. Na faixa de 10 a 14 anos, o nú-

mero de trabalhadores é pequeno e suas atividades são difíceis de serem definidas. Pode ser um trabalho voluntário ou pago, executado dentro ou fora de casa. Pode ser uma pequena ajuda ou um dever. Não são tarefas que excluem a escola. Os pais querem que eles continuem estudando, pois também vêem a escola como proteção contra a violência.

**Estado — E na faixa de 15 a 17**

**anos?**

**Felícia —** Nessa idade, aumenta a pressão da família para que entrem no mercado de trabalho. Nada menos que 70% dos chamados "menores trabalhadores" estão nessa faixa etária. É muito comum agregar as duas faixas numa só, de 10 a 17 anos, sob uma única denominação. Qualquer pessoa é capaz de perceber o sentido absolutamente diverso e as consequências de trabalhar para uma criança de 10 anos e para um jovem adolescente.

**Estado — De qualquer maneira, o trabalho de menores de 18 anos faz parte da estratégia de sobrevivência das famílias.**

**Felícia —** Faz parte de sua estratégia de ascensão social e de proteção: vai trabalhar ou cai na marginalidade. Também existe a pressão consumista, imposta pela mídia. Eles têm que consumir tênis, jeans, aparelhos de som, etc, ou não se consideram jovens. Devido à combinação desses fatores, quase 60% do total de adolescentes trabalham. E a maioria deles frequentam cursos noturnos de 2º grau.

**Estado — Trabalho e escola não**

**são excludentes?**

**Felícia —** Não. Esse é o discurso de professoras, que atribuem à ignorância dos pais à evasão escolar. Como eu já disse, as famílias fazem um enorme esforço para manter os filhos na escola, porque isso também faz parte de sua estratégia de ascensão social. Mas elas são desestimuladas, principalmente por causa do baixo resultado alcançado pelos filhos. Do total de crianças que frequentam a escola pública e traba-

lham, 84% estão, no mínimo, atrasadas em uma série para sua idade. Os números da evasão indicam que ela aumenta, quase dobra, a partir da 5ª série. E quando os pais, cansados de tanta repetência, que atribuem à incapacidade dos

filhos e não à escola, não vêem mais sentido em continuar tentando.

**Estado — E por que há tanta repetência?**

**Felícia —** Isso é o que deve ser discutido. Não basta denunciar o trabalho infanto-juvenil, nem propor a construção de mais Ciacs ou Cieps, se não soubermos o que entrava o desenvolvimento do aluno dentro da escola.

## TRABALHO É VISTO COMO PROTEÇÃO DA MARGINALIDADE

**Estado — Mas, qual é a sua opinião?**

**Felícia —** Acredito que os educadores se dirigem a um tipo de aluno "ideal", que não existe. Eles não sabem trabalhar com a heterogeneidade na sala de aula, que é normal e assumida nos melhores sistemas educacionais, e buscam a homogeneidade do conhecimento, a partir de um padrão idealizado.

**Estado — Qual é o aluno real?**

**Felícia —** Veja o caso dos alunos dos cursos noturnos. Trata-se de um jovem para o qual a crise da adolescência está aguçada pela pobreza e pelos problemas decorrentes da imposição de um vasto consumo de símbolos da juventude. Também é preciso lembrar que esse jovem, estudante e trabalhador, já vem de uma série de repetências e pouco cresceu intelectualmente nos primeiros anos de estudo.

**Estado — Tudo não estaria resolvido se os pais ganhassem mais e pudessem comprar o tênis dos filhos?**

**Felícia —** Essa é a opinião dos sindicalistas. Pergunto: quanto tempo vai demorar para que todos os pais tenham condições de atender a esses padrões de consumo? E o que vai acontecer até lá? E por que não podemos melhorar a escola?